

O Rio em Revista: cultura urbana nas Ilustradas Cariocas (1940-1950)

Rio in Magazines: Urban Culture in Rio's Illustrated Magazines (1940–1950)

Ana Maria Mauad

Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense, com pós-doutorado no Museu Paulista da USP. Atualmente é professora titular do Departamento de História, pesquisadora do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF, desde 1992, do CNPq desde 1996 e Cientista do Nosso Estado Faperj desde 2013.

Resumo: As revistas ilustradas publicadas no Rio de Janeiro entre 1940 e 1950 definiram o perfil da cultura urbana de uma cidade que consolidaria sua condição de metrópole burguesa. O ensaio aborda este processo por meio da análise das crônicas e suas narrativas. Observa-se a elaboração de um repertório de temas, situações e personagens que compuseram uma paisagem cultural para a Capital Federal, ao mesmo tempo sedutora e profundamente desigual.

Palavras-chave: Revistas ilustradas, Rio de Janeiro, crônicas, cultura urbana

Abstract: The illustrated magazines published in Rio de Janeiro between 1940 and 1950 defined the urban culture of a city that would consolidate its status as a bourgeois metropolis. This essay examines this process through an analysis of chronicles and their narratives. It highlights the development of a repertoire of themes, situations, and characters that shaped a cultural landscape for the Federal Capital—one that was simultaneously alluring and deeply unequal.

Keywords: Illustrated magazines, Rio de Janeiro, chronicles, urban culture

Em sucessivas cenas, o Rio, capital federal, torna-se uma metrópole burguesa. A cidade-capital, cuja importância cultural já se desenhara desde a chegada da Corte Portuguesa, no início do século XIX, ao longo da primeira metade do século XX, definiria os espaços de sociabilidade associados ao consumo e ao lazer. Esse ensaio se debruça sobre os anos 1940 e 1950, quando o Rio ainda era capital federal e a cidade ditava modas e comportamentos ao restante do país.

Nesse momento, as revistas ilustradas eram a principal forma de acesso à informação, ao lazer cultural e às novidades da cidade e do mundo. Era também um importante meio para a elaboração da representação social dos comportamentos urbanos de diferentes grupos. Da burguesia urbana aos estratos mais intelectualizados, passando por uma variedade de tipos urbanos da cultura popular, todos tinham seu espaço no imaginário das ilustradas, como veremos no inventário dos temas e assuntos abordados nas revistas.¹

As ilustradas em revista

As revistas ilustradas voltavam-se prioritariamente para o público feminino, pois apresentavam um grande número de anúncios tipicamente voltados às mulheres. Na publicidade, todo um conjunto de produtos voltava-se para satisfazer os seus desejos, tais como: maquiagens, roupas, joias, produtos de beleza em geral. Os anúncios também se apoiavam na sensualidade feminina, como as propagandas de cigarro, ou na imagem de esposa e mãe zelosa, no caso dos medicamentos. Além da variedade de matérias sobre comportamento, beleza, moda e moldes de roupas, praticamente todas voltadas para as mulheres (MAUAD, 2007).

Nessas publicações, o sexo masculino era, em geral, o tema, quer nos eventos esportivos, quer nas notícias de política; entretanto, a publicidade também valorizava produtos voltados ao consumo desse público. Dentre os produtos que mais se anunciavam estavam aqueles cuja marca se decalcou no objeto, como a famosa lâmina de barbear, conhecida há muito tempo como *Gillette*. Sem falar dos ternos, das canetas *Parker* e dos automóveis, que passaram a integrar o imaginário do consumo masculino, já nas primeiras décadas do século XX.

No entanto, a análise das revistas revela outros aspectos importantes das décadas de 1940-50, que nos auxiliam a criar o perfil do habitante urbano desse período: o carioca. Dentre esses aspectos, o mais interessante é a percepção de que o Rio de Janeiro é uma cidade em expansão. Assim, não são raros os anúncios de loteamentos na Ilha do Governador e na Zona Sul, cada vez mais extensa no sentido de Copacabana – Leblon. Estes anúncios destacam que os lotes dessas regiões dispunham de serviços de infraestrutura básica bem desenvolvidos. A essa preocupação associa-se outra, também novidade neste período: o interesse pelo turismo. Nas reportagens, destaca-se a falta de infraestrutura da cidade para receber estrangeiros, tanto em acomodações quanto em opções de lazer.

Observa-se, ainda, o gradual deslocamento da classe média alta do centro da cidade para a região de praias oceânicas. A *Revista da Semana*, em um de seus números de 1947, apontava para a expansão do bairro de Copacabana:

1. Este ensaio insere-se no projeto de pesquisa “Rio em Revista: fotografia pública e a política da Boa Vizinhança nas páginas da Imprensa Ilustrada” (1933-1947)”, desenvolvido com o financiamento CNE-FAPERJ 2026-2029.

(...) Até a boca dos túneis, a fisionomia do Rio de Janeiro é uma, ainda com a marca das influências dos nossos bons avós portugueses. Mas, da boca dos túneis em diante, já é bem outra, diferente, atrevida, americanizada. Copacabana é uma cidade com fisionomia própria e, hoje, que já tem seus grandes cinemas e vai ter também teatro, pode-se dizer que só lhe falta um jornal diário, para complementar-se e prescindir do resto do Rio de Janeiro (...). (**Revista da Semana**, de 04 de janeiro de 1947, p.12)

Outra linha de expansão volta-se para a região da Baixada Fluminense; porém, as reportagens sobre estas áreas demonstram um outro perfil de abordagem. As reclamações sobre a falta de transporte público e de infraestrutura básica indicam um desenvolvimento urbano desigual e hierarquizado entre as regiões da cidade.

As praias são temas frequentes nas pautas das revistas. O banho de mar deixa de ser visto como algo medicinal e torna-se um lazer comum nos dias quentes do Rio de Janeiro. Em outro número, a *Revista da Semana* destacava como o clima do Rio de Janeiro favorecia a praia quase como opção compulsória de lazer: “(...) Na popular praia, se assim se pode chamar ao amontoado de pedras do início da Avenida Beira Mar, todos se lançaram às águas mais por uma imposição do clima, que por qualquer espírito esportivo ou vontade de recreação (...)” (**Revista da Semana** de 03 de março de 1945, p.15).

A praia de Copacabana se destaca entre as praias mais frequentadas, seus postos são referência para a vida social e dividem a praia em áreas frequentadas por diferentes grupos de pessoas. “(...) A praia maravilhosa num domingo estival – sereias tropicais gozam o sol de estio – os que vêm de longe – luta livre, Box e acrobacias – os últimos raios do sol de verão torram as costas dos “inocentes do Leblon” – do alto da torre do posto de salvamento(...)” (**Revista da Semana** 07 de abril de 1945, p.18).

As reportagens da *Revista da Semana* apresentam certas praias da cidade como espaços democráticos em que reinaria o convívio social:

(...) Assim é a Praia das Virtudes, para a qual o povo já arranjou um apelido pitoresco, bem sugestivo – democrática, sem preconceitos. Nas águas igualitárias, banham-se numa promiscuidade ampla, negros, brancos, mulatos, meninos e velhos, e o mar os recebe a todos com a mesma hospitalidade e a todos dá a bênção de seu conforto (...). (**Revista da Semana** de 03 de março de 1945, p.15).

Fazem parte do espaço das praias desde os moradores dos prédios de classe média dos bairros banhados pelo mar até os que, após uma longa semana de trabalho, enfrentam horas em ônibus lotados para se refrescar. “Mas um dia de praia compensa de todas as amarguras da semana os homens e as mulheres que vêm de longe gozar, durante algumas horas, o sol e a água do bairro aristocrático (...)” (**Revista da Semana**, 07 de abril de 1945, p.18).

A praia também era um lugar de sensualidade, o local onde se permitia mostrar mais do que normalmente se mostraria. Segundo a crônica, Copacabana seria o local ideal em que os homens iam para admirar as mulheres, e elas se permitiam ser admiradas:

(...) Se numa aula de hoje a professora perguntasse a um garoto qual a função do mar em relação à humanidade e qual a utilidade do oceano, o menino por certo responderia que “o mar é um ótimo lugar para a prática da natação”. Mas não nos revoltamos contra essa visão unilateral do mar que tem os moços de hoje. Pois a nós mesmos

não se afigura para o mar outra função que servir de local de passeio às sereias de Copacabana. Ali vivem elas, recebendo nas faces a espuma gelada, recebendo no corpo os raios ardentes do sol de estio. E vendo-as – a própria beleza estática do oceano, a paisagem magnífica da praia – tudo nos parece nulo e morto em comparação com as suas formas divinas. Ninguém pode ser sereno diante de suas curvas, a ninguém é dado passar por elas sem um olhar admiração. E elas, cônscias de seu poder de sedução, ganham as ondas, abraçam-se ao mar como se ao mar pertencessem e fosse o oceano o seu amante. Os homens passam agitados diante da beleza trigueira das morenas tropicais. Uma ou outra loura quebra a harmonia étnica do conjunto, com uma nota de maior sedução, num contraste delicioso e provocador. É entre louras e morenas o coração dos homens balança: os olhares vão de uma a outra. Mas todos os recebem com uma expressão de enfadado e superioridade, e buscam o mar, o grande felizardo(…)” (**Revista da Semana**, de 07 de abril de 1945, p.12).

É frequente, também nas Ilustradas, a publicação de um grande número de notícias sobre o cinema de Hollywood e seus artistas, que abordam não apenas os filmes, mas também o modo de vida dos atores. Fofocas de todos os tipos, anúncios e críticas dos últimos lançamentos, crônicas sobre o cotidiano das filmagens e, principalmente, sobre Carmem Miranda, o grande tema dos anos 1940 nas crônicas cinematográficas (MAUAD, 2005b). Os textos sobre o cinema dos Estados Unidos associavam-se à profusão de palavras em inglês para adjetivar comportamentos e vender produtos: a garota tinha um ‘it’ ou possuía ‘sex appeal’, pois mascarava chicletes e bebia Coca-Cola. O que evidencia a adesão do Brasil à cultura internacional popular (ORTIZ, 1987).

O Carnaval, nas edições de início do ano, tornava-se o assunto obrigatório. Esta festividade conferia à cidade um caráter plural e confirmava o adjetivo de “maravilhosa”, pois as comemorações eram as mais diversas possíveis. Desde os tradicionais bailes em clubes até os blocos de rua e o desfile de carros abertos — o curso, como esses desfiles eram conhecidos — ia se tornando cada vez mais raro à medida que a década de 1940 avançava. O carnaval era esperado por todos na cidade, seja pelos que desejavam aproveitar o feriado prolongado e fugir para as regiões serranas, seja pelos foliões animados, que já começavam a festejar antes mesmo do período, o que evidenciava um calendário de festejos prévio ao grande evento. O carnaval, já nessa época, movimentava a economia da cidade e, desde então, tem sido uma grande atração turística.

Nas revistas ilustradas, o carnaval era apresentado como um momento de libertação, de exagero, de ir além dos limites, de alegria espontânea e de sensualidade.

A reportagem da *Revista Esso* refere-se assim ao carnaval:

Cada ano, durante três dias e três noites, uma festa popular envolve de tal forma uma cidade que a expansão, galgou fronteiras e criou fama nos quatro pontos cardiais do mundo. Essa festa é o Carnaval no Rio de Janeiro, que não apenas transforma radicalmente o aspecto da própria cidade, mas converte a capital da República em Meca de turismo e de alegria. Na época universalmente consagrada à celebração do carnaval, tão tradicionais e atraentes são os festejos no Rio de Janeiro, que as próprias companhias de navegação estrangeiras incluem em seus calendários viagens especiais ao Distrito Federal, a fim de trazer levas de turistas da Europa e da América. Em verdade, a festa consagrada a folia transcendente a tudo o que mesmo uma imaginação muito fértil possa descrever e avaliar. Durante três dias, a capital da República vibra

num ritmo estrepitoso e ensurdecedor ao som de tamborins, cuícas, de orquestras improvisadas, de cantorias e de danças, e homens, mulheres e crianças, nas mais extravagantes ou exóticas fantasias, em bloco, bailes, desfiles ou ainda em sociedades carnavalescas, dão à alegria novo significado de expansão que ultrapassa os limites normais desse sentimento humano. (**Revista Esso**, de janeiro/fevereiro de 1952, p.19)

Simultaneamente, novas indústrias, entre as quais as de “confetti”, de máscaras, de serpentina, de fantasia e de lança-perfumes, eram colocadas em funcionamento para atender às exigências dos foliões e para que nada faltasse ao brilho das festas e dos folguedos carnavalescos. A mesma *Revista Esso* chama atenção para o calendário de preparação da festa: “desde muito antes da época do reinado da folia, já o Rio de Janeiro, a fim de manter acesa a tradição de que seu Carnaval desfruta; as músicas que serão entoadas pelos foliões são compostas e difundidas por todos os microfones das estações de rádio, pela imprensa ou por meio de folhetos e a cidade se engalana toda, numa nova roupagem extravagante e multicolorida para criar um ambiente condigno à alegria” (**Revista Esso**, de janeiro/fevereiro de 1952, p. 15).

O carioca aparece nas reportagens como um esportista assíduo. A *Revista Garota*, em 1947, revelava que: “(...) O Rio é, sem dúvida alguma, uma das poucas cidades brasileiras onde o esporte é praticado com inegável entusiasmo. Mal amanheceu o dia, as sedes dos clubes esportivos, as praias, e todos os setores onde seja possível praticar-se qualquer exercício, começa a movimentar-se como numa gigantesca colméia de abelhas (...)” (**Revista Garota**, 1947 p.10).

O Jockey Club Brasileiro destacava-se como o clube mais citado em todas as revistas. Em geral, as publicações reservavam semanalmente um espaço para comentar seus eventos e comemorações, atribuindo ao ‘turf’ uma importância significativa entre os eventos esportivos da cidade. A *Revista da Semana*, em fevereiro de 1945, observava:

(...) Acostumados já as emoções forte de turf, os elementos de nossa elite social procuram nas tardes domingueiras o Hipódromo da Gávea, sem que o calor deste verão tropical possa impedi-los de gozarem horas de prazer esportivo naquele belo prado. Um verdadeiro desfile de modas as mais requintada elegância têm lugar então na pelouse do maravilhoso hipódromo, onde as graciosas aficionadas do turf espalham a beleza sadia de seu sorriso (...). Porém mais do que a pratica esportiva, o Jockey Clube é um local para que a sociedade possa se reunir, mostrar para os demais sua importância. E um espaço para os eventos sociais mais destacados da cidade, um espaço para eventos beneficentes típicos de senhoras da elite carioca, um espaço em que as moças podem desfilarem seus modelitos e achar rapazes do mesmo nível social delas. A *Revista Garota* de 1947, ao falar sobre o XV Grande Premio Brasil, afirma: “(...) O majestoso Hipódromo da Gávea, foi pequeno para conter a multidão que ali compareceu a fim de assistir a disputa do Grande Prêmio Brasil de 1947. Tiveram as nossas elegantes, a oportunidade de apresentar as mais belas e variadas criações da moda, nessa tarde de beleza e esplendor para o Turf brasileiro (...)”. Ou ainda a *Revista da Semana* do dia 06 de Janeiro de 1945 destaca os eventos beneficentes de fim de ano realizados no espaço do Jockey Clube: “(...) Promovido por senhoras da alta sociedade carioca, teve lugar no hipódromo da Gavea a festa de Natal do Jockey Club Brasileiro que, como nos anos anteriores, revestiu-se de grade brilhantismo. No flagrante acima vemos a distribuição de brinquedos e presentes aos filhos de empregados do Jockey Club Brasileiro (...). (**Revista da Semana**, de 10 de fevereiro de 1945, p. 20).

Os cassinos também foram comentados nas revistas ilustradas; aparecem em anúncios de hotéis-cassinos, apresentados como opção de lazer, sempre associados às suas “boîtes” e “grill rooms”. Nos cassinos, realizavam-se eventos sociais e jantares dançantes, sendo indicados como uma das poucas opções de lazer noturno voltadas especificamente ao turista. Segundo o *Almanaque da Cidade*, em 1945, o Rio de Janeiro deixava a desejar nas opções de lazer noturno voltadas para o turismo:

(...) O Rio é uma cidade quase ou sem nenhuma diversão noturna para o público. Fechadas as portas dos cinemas e dos teatros, caí no marasmo. Ruas desertas, percorridas por bondes, e ônibus semi-vazios. O som de um Jazz, numa ou outra, quebra o silêncio. São os chamados “dancings”, salas onde o carioca desavisado vai para se divertir e encontrar meia dúzia de pares, como bonecos articulados, dançando mecanicamente, enquanto em roda de algumas mesas indivíduos bebem... por beber. Não poucos se excedem. Além desses “dancings”, de frequência duvidosa, há outros centros de diversões de classe mais inferior, os que o povo denomina de “gafeiras”, de gente mais duvidosa ainda. (*Almanaque da Cidade*, 1945, p. 7).

Nas páginas das ilustradas, a vida noturna do Rio de Janeiro divide-se segundo os hábitos e costumes das diferentes classes sociais; assim, a elite carioca surge associada a eventos de frequência exclusiva nos clubes e nos espaços reservados da cidade. Eram usuais os jantares dançantes nos hotéis, nos “grills” dos cassinos e nos clubes em nome da fina sociedade carioca. O *Almanaque do Correio da Manhã* de 1941 anuncia um jantar dançante, no tradicional bairro da Urca:

(...) O carioca tem os seus caprichos, ou melhor, os seus hábitos. Atualmente, o hábito em maior evidencia é o jantar dansante no grill da Urca. Só por simpatia pela Urca? Não. Porque o carioca se convenceu que encontrará, no jantar dansante, solução para inúmeros problemas sociais. Num jantar dansante, alegre, festivo, o carioca comemora com sua família e alguns amigos especiais o seu aniversário, sem os incômodos das festas caseiras. Com um jantar dansante, o carioca obsequia um amigo, vários amigos, proporcionando-lhes um ambiente de grandes atrações. Homenagens pessoais e homenagens coletivas, consistentes estas em grandes banquetes, tem-se realizado em jantares dançantes. E a data do casamento? E a data da formatura? Toda e qualquer data, enfim, que lhe é cara, o carioca a comemora nun jantar dansante. Os clubes, as associações e as grandes companhias ali se reúnem em festas de confraternização. (...) (*Almanaque do Correio da Manhã*, 1941, p.11).

A maneira como as colunas sociais destacam os nomes e títulos das pessoas presentes nos eventos por ela retratados mostra uma grande preocupação com a posição social que o nome de uma pessoa representa. A *Revista da Semana* realçava essa situação em um evento no Cassino Atlântico:

(...) Foi naquela terça-feira chuvosa, que marcou o segundo dia de 1945, que a sociedade carioca se reuniu no Casino Atlântico para homenagear S. M. o Rei Carol de Rumânia. E, enquanto a orquestra tocava um “blue” melódico ou um samba bem brasileiro, a conversa transcorria animada entre os convidados. Pouco a pouco o

“grill” Atlântico foi adquirido logo algo daquela nobreza palaciana que só poderia comunicar a presença de tão destacadas personalidades. (...) (**Revista da Semana**, 13 de janeiro de 1945, p. 10).

Apesar de o Brasil ser uma república desde 1889, não são raras as reportagens e colunas sociais que aludem a títulos de nobreza do período da monarquia, e esses títulos ainda são muito valorizados como símbolo de status.

As “boîtes” destacavam-se como um programa de luxo e requinte, apreciado pela elite carioca. Em sua crônica, a *Revista da Semana* valorizava em detalhes a “boite” do Hotel Cassino Atlântico, situado no Posto 6 de Copacabana:

(...) Como uma pedra de raro fulgar, a “boite” clara do Posto 6 cintila. De seu átrio aristocrático, de suas janelas que lembram seteiras medievais, línguas de luz escorrem pelas calçadas e vão morrer na fimbria de areia, junto às ondas espumarentas que, em marolas suaves cantilena. De dentro foge também o agudo rumor dos violinos e dos violoncelos, das clarinetas e dos instrumentos de percussão – e é como se invisíveis e acariciantes mãos nos convidassem a entrada naquele “music hall”, que é o ponto preferido de nossa melhor sociedade, para suas diversões requintadas (...)”. Locais que trazem em seus shows atrações de grande nome, nacionais e internacionais. Mais uma vez a *Revista da semana* de 20 de outubro de 1945, cita a Boite Atlântica: “(...) A cidade caminha para o posto 6, no ondular macio de suas curvas jovens. A cidade noturna nos leva para o posto 6 por entre as luzes da paisagem civilizada lá, no fim da praia, a cidade guarda a sua grande jóia, o seu adereço mais precioso de “urbs” moderna: arte, elegância, espírito, aristocracia do “grand-monde” e da intelectualidade. Lá é a “boite” Atlântica. A “boite” que recebeu o “cachet” de uma doçura toda diferente, uma doçura que envolve as nossas noites na noite quente de seu encantamento. Uma taça de “champagne”. Uma roda de amigos. “causeries” dispersas ao som da música. Em torno, “tout rio” nos seus expoentes máximos. No palco um “show”, que é uma renda leve de arte, entretecida de grandes nomes internacionais(...)” (**Revista da Semana**, 23 de junho de 1945, p.16).

As frequentes recepções nas casas de famílias de renome também são um hábito da elite carioca. Assim como os eventos voltados à filantropia, os ligados à arte, como desfiles de moda e concursos de beleza, por exemplo. Desta forma, a alta sociedade parece ter uma maneira de se reunir em prol de algo considerado virtuoso aos olhos de toda a sociedade, como registrado pelo colonismo social das Ilustradas. Em julho de 1946 a *Revista Rio* valorizada as iniciativas filantrópicas da elite:

(...) Para levar avante sua obra de assistência social, a “Pequena Cruzada” realiza periodicamente um espetáculo de caridade. O ano passado foi uma “féerie” encenada com muito luxo e beleza no palco do Teatro Municipal. Este ano foi um desfile de moda parisiense que se realizou no “Goldem Room” do Copacabana e atraiu um público muito escolhido. Os resultados dos esforços das abnegadas dirigentes da “Pequena Cruzada” já são conhecidos de toda a cidade e se traduzem em benefícios reais para as classes menos favorecidas. Daí o apoio da nossa sociedade a e essas festas onde o objetivo mundano e o objetivo filantrópico são plenamente atingidos (...)”. (**Revista Rio**, julho de 1946 p.13)

A *Revista da Semana*, por sua vez, apontava para outro aspecto da vida noturna carioca: as gafieiras de samba. As gafieiras compõem a vida noturna popular, em locais marginalizados, vistos como espaços onde a malandragem e a sensualidade definem o carioca popular:

(...) A gafieira, a casa de danças populares onde a população negra do Rio encontra um dos seus divertimentos mais baratos, tem sido amplamente caluniada e difamada, pois o povo em geral, baseando-se em informações errôneas e notícias apressadas, formou a idéia destes clubes como antros de malandragem e orgia desenfreada, onde os facinoras da urbs, de navalha em punho, disputam mulheres fatais (...) (**Revista da Semana**, 06 de janeiro de 1945, p.20).

Esse breve panorama evidencia o papel das Ilustradas como veículos de comunicação ligeira e portadoras de uma cultura visual variada. Essa incluía fotografias e desenhos, tanto na publicidade de produtos a serem consumidos quanto nos comportamentos idealizados para o espaço urbano, portanto, as publicações semanais garantem o acesso a um universo variado da cultura urbana do período (MAUAD, 2005b). Nas partes seguintes desse ensaio, tomaremos as crônicas das revistas como palco da vida urbana que se encena nas décadas de 1940 e no início dos anos 1950, e mapearemos seus personagens, lugares e situações, na busca de uma cartografia social que se desenhava para o Rio das Ilustradas.

Cariocas são bacanas...

Os cariocas das Ilustradas são os cultuadores do ornato, do status, da aparência e “do que dirão”. São os “chics”, “up-to-date” ou “tran cham”. Vivem no Brasil com um olho na Europa e o outro nos EUA. Burguesia, elite, grã-finagem, “Jet-set”, “grand-monde”, “high-life” são nomes intercambiáveis que escondem, sob a aparência do bem-viver, códigos de comportamento e representação social excludentes. Importantes agentes criadores de um modo de vida, que discriminam uns e cooptam outros, que hierarquizam o espaço, dignificando-o ou rebaixando-o, que elegem o consumo como norma de vida, que dita modas e cria ilusões.

Essas representações surgem nas páginas das Ilustradas e conferem sentido a uma experiência urbana marcada pela diferenciação social dos espaços da cidade. A geografia social construída pelas revistas já era clara nos anos 1920, como se vê na descrição que a revista *Rio Ilustrado* faz das praias. Ir à Praia das Virtudes para o morador da Lapa, não era o mesmo que um morador de Botafogo frequentar o Balneário da Urca. Para os primeiros, o importante era a farra; para outros, o que valia era ver e ser visto. Na crônica “Da praia do Flamengo ao Balneário da Urca”, assinada por Leão Padilha, essa distinção fica clara:

PRAIA DO FLAMENGO: Domingo de manhã, os banhistas do Flamengo chegam mais tarde do que os da Lapa e saem mais cedo do que os de Copacabana. Às 10 hs, aquele pedacinho de areia fica que nem formigueiro, cheio, muito cheio (...) Uma pequena faz maravilhas acrobáticas nos braços de um sportsman! Bóiam pares abraçados dentro de pneumáticos de automóveis ... Na calçada vendem água doce para tirar o sal, o guarda-civil passeia para lá e para cá medindo a moralidade das roupas. PRAIA DE BOTAFOGO: Pouca gente. Criadas e funcionários das quitandas de bairro aficionados do sport. O pessoal chic vai mostrar suas toillettes no Balneário da Urca, e deixa a Enseada tranquila para a criadagem que não teve tempo para tirar o

pó do Flô do Abacate. BALNEÁRIO DA URCA: Supra sumo do chic. Fora ficam os carros esquentando ao sol. Lá dentro aqueles 50 palmos de areia regurgitam... Em cima, dança, flirt e cocktail (...) Uma 'jazz-band' comunica tremura coreográficas aos corpos quentes (...) Lá embaixo há cubículos para trocar de roupa e outros misteres mais íntimos (...) a empresa não fiscaliza nem tampouco a polícia. Na areia senhoras respeitáveis, a julgar pela pintura e pelo volume, conversam coisas graves e fumando cigarros turcos. Rapazes ensinam ginástica a seco e dentro d'água. Mais tarde, o balneário perde esse aspecto familiar da manhã, o jazz-band ataca músicas mais frenéticas, os cocktails ganham ingredientes mais fortes e o 'flirt' é mais íntimo. Dentro da água ensina-se a nadar com menos inocência (...) fala-se alto (...) onde os rr franceses arrastam na gíria da moda, as exclamações das revistas alegres do Carlos Gomes e do Recreio (...) Não se ouve falar em cocaína, morfina ou ópio (...) PRAIA DAS VIRTUDES: No lencinho de areia perdido no mar (...) a promiscuidade é estonteante. A salada tem gosto de tudo – laranja de turco, cebola de português, macarrão de italiano, banana de brasileiro. Frequentam essa praia moradores da Lapa, Sta. Luzia e todas as pensões do Centro. E por fim. A praia do Caju: todos vão à praia e tomam o seu banho de areia, de sol e de água suja... (**Rio Ilustrado**, Ano I, out-dez, 1928, p.10)

No final dos anos 1930, as representações se atualizaram e a Belle Époque era um passado não muito saudoso:

A fauna social do Rio transformou-se (...) As gerações atuais nem fazer idéia de que seja um 'almofadinha ou uma melindrosa'. Os nossos ridículos são outros e têm outros nome. A gente agora, que enrijou os músculos no sport, sob o sol, nos ensaios nudistas do Lido e do Arpoador, é inteiramente diferente da geração do centenário – a geração do 'puladinho', da declaração, do 'toi' et 'moi' e outras velharias românticas. As gerações de hoje, mais utilitárias, ultra-modernas não têm tempo para essas bobagens: moram em arranha-céus, queimam a pele no sol da praia, correm de automóvel no Trampolim do Diabo, tomam 'cock-tail' no Carlton, jogam nos cassinos, cantam no Prado. As calamidades de hoje são outras. Nem por isso temos saudade dos velhos tempos dos 'almofadinhas' e da 'melindrosa'. (**Careta**, 18.6.1938 – seção 'um sorriso para todas', p. 25).

O início da década de 1940 foi marcado pelo advento da 2ª Guerra Mundial e pela consolidação do Estado Novo no Brasil. Assim, mesmo tendo que conviver com os apagões na beira-mar para evitar que a cidade fosse bombardeada, o carioca ia driblando as adversidades do cotidiano, na praia, no cinema e nos dias ensolarados. Jeito de ser divertido que tanto encantou a equipe de cartunistas e desenhistas que acompanhou Walt Disney, na sua missão de boa vizinhança, pela América do Sul. Nessa ocasião, foi criado o personagem Zé Carioca, para o desenho animado "Alô amigos" (1943). Um papagaio malandro que apresenta a cidade ao Pato Donald (FREIRE-MEDEIROS, 2004; FRANZ, 2019).

Na memorável sequência da animação, o papagaio recém-desenhado apresenta-se ao pato que assiste à sua criação, com um cartão de visitas, no qual estava escrito "José Carioca, Rio de Janeiro". O pato lê com dificuldade típica de um 'gringo' o nome e a cidade; em retribuição, Zé Carioca pede o cartão ao seu interlocutor. Quando o Donald se apresenta e é reconhecido como "O Pato Donald! Qua, qua, qua, qua" pelo Zé Carioca, este lhe pede um abraço "daqueles bem apertados, bem carioca". Depois começa a descrever todos os lugares que iriam conhecer juntos, uma coleção de nomes diferentes que o Donald busca em vão, seus significa-

dos, numa montanha de dicionários. Quando o pato já estava coberto de volumes pesados, o papagaio graciosamente afirma com um sotaque acentuado: “*Or as you American say, let’s go see the town*” Estavam seladas aqui as relações da boa vizinhança, com as cores fortes e variadas da paisagem tropical e embaladas pela música de Ary Barroso, “Aquarela do Brasil”, o hino do Estado Novo.

O jeito de ser carioca, perfilado nas páginas das ilustradas, não ficava longe da alma encantadora das ruas, para usar a expressão do cronista João do Rio, de outra época. Esse clima de cordialidade e descontração foi registrado pelas lentes da fotógrafa estadunidense Genevieve Naylor, que esteve no Brasil entre 1941 e 1942 (MAUAD, 2005a, 2014). Durante o período em que esteve no Brasil, Naylor produziu um conjunto de centenas de fotos que retratam uma variedade de rostos e lugares tão próprios da cidade de então. A empatia entre a fotógrafa e seus fotografados foi registrada em carta a sua irmã:

My first striking visual sight was not the bustling energy of the Copacabana beach or the boulevards and slums, but a solitary young Negro girl sitting cross-legged in the center of a street, intensely focused on constructing a wooden flute. If there ever was a moment to have my camera! Unfortunately, the Brazilian authorities have confiscated my equipment while they scrutinize my back ground to make sure I’m not some fifth-columnist subversive! What helps is the absolute cooperation of the Brazilians. They are so natural in their demeanor, so giving and warm, that my camera just loves them”! (Carta de Genevieve Naylor a Cynthia Gillipsie, RJ, 1940, cortesia de Peter Reznikoff)²

A imagem revelada pelas fotografias de Genevieve Naylor nem sempre sintonizava com as crônicas e os comentários publicados nas Ilustradas, principalmente quanto à presença negra na cidade e ao seu papel na composição social do carioca. Nas crônicas e comentários, o uso do termo negro associado à descrição das camadas populares aparecia, em geral, como um adjetivo qualificando uma personalidade própria ou uma condição social: “O negro Popó, ditador do Samba”, ou ainda a “população negra do Rio” (**Revista da Semana**, 6 de janeiro de 1945, p. 25). Já no inventário de rostos e lugares produzido pela fotógrafa, o que se observa é a presença de pessoas ocupando o espaço da cidade em situações variadas: a mãe com a sua filha, a criança com a boneca, o menino ensaiando seus passos no samba, o jovem passista, o veterano da bateria, as sambistas e os sambistas, babás, vendedoras etc. (MAUAD, 2005a; 2020). Uma cidade essencialmente negra.

Já na crônica das Ilustradas, os termos negro ou mulato, dentro da geografia do lazer carioca estavam associados aos atributos de sensualidade e esperteza:

Quando, perdidos em meio do turbilhão dos dançarinos, apreciávamos os volteios e requebros das mulatas e os passos saltitantes de um “swing”[...] Nas cadeiras as mulatas e as negras olham indolentemente para o vácuo. Os homens vão beber uma

2. “Minha primeira visão marcante não foi a energia vibrante da praia de Copacabana ou os bulevares e favelas, mas uma jovem negra solitária sentada de pernas cruzadas no centro de uma rua, concentrada intensamente em construir uma flauta de madeira. Se ao menos eu tivesse minha câmera naquele momento! Infelizmente, as autoridades brasileiras confiscaram meu equipamento enquanto verificam meus antecedentes para garantir que eu não seja um subversivo de quinta coluna! O que ajuda é a cooperação total dos brasileiros. Eles são tão naturais na postura, tão generosos e acolhedores, que minha câmera simplesmente os adora! (tradução da autora)

cerveja, á espera do próprio samba. [...] Todos queriam ganhar o privilégio de conduzir pelo salão, ao som de um samba, uma das três graças da gafeira, que deslizavam pelo assoalho encerado, absorvidas pela dança, trazendo na alma mulata todo o delírio místico das aldeias africanas de seus maiores e todo o fevor religioso das macumbas ancestrais [...] Os negros entregam-se de corpo e alma a dança, com um favor quase religioso, pondo-se nos seus passos toda ardência do temperamento de Zumbi e toda a sensualidade dos bailarinos de Josephiana Backer[...] Antigamente a malandragem consistia em saber manejar com arte e perícia uma navalha sueca e dar “soltas” bem negaceadas, rabos-de-arraia firmes e outros tremeliques fortes da capoeira. Hoje, porém, a astúcia vence a força, e uma “papa” bem parolada vence em dois assaltos qualquer rabo de revólver. O negro Popó pertence a esta nova escola. Nunca brigou, nunca fez fôrça. Moleque famoso, vive da lábia, toma da vida o que deseja tomar, à custa de sua conversa, uma lenga-lenga astuciosa e esperta que lhe garante o pão de cada dia e o samba de cada sábado. É, enfim, o moleque típico das gafeiras. Velho conhecido nosso, não pode deixar de nos mostrar as suas habilidades e coreográficas. Aproximando-se de um par que dança, segurou no braço da mulata e foi dizendo: - O cavalheiro vai permitir que sua deusa me ensine um novo passo. (**Revista da Semana**, 6 de janeiro de 1945, p. 25-29).

Aliás, o bronzeado da pele passou a ser valorizado justamente porque a praia era a opção de lazer de diferentes grupos sociais. A poesia do corpo bronzeado é registrada nas crônicas breves das revistas: “Dorme despreocupada a ninfa. O sol vem beijar-lhe o corpo moreno, numa carícia abrasadora. Em torno dela, porém, povoa-se a praia. Mas nada perturba o seu sono manso. Com o que sonhará?” (**Revista da Semana**, 3 de março de 1945, p. 23)

Entretanto, os espaços de sociabilidade ainda mantinham as interdições de raça e classe, embrulhadas no colorismo da pele, variando do bronzeado mais claro para a frequência do ‘grill’ dos cassinos, até o mais escuro das gafeiras: “Mas para a gente “fina”, “grafas”, na gíria irreverente do carioca, há os cassinos” (**Almanaque da Cidade**, 1945, p. 65) “Existe entretanto ainda, para consolo do pobre, a dança barata e desprestigiada das gafeiras, sem exigências de traje e sem preconceitos de raça, onde os descendentes de cam formam a maioria esmagadora, mas onde os brancos também teem seu lugar, respeitadas as exigências da polícia de costumes e o preço da entrada” (**Revista da Semana**, 6 de janeiro de 1945, p. 25)

Raça, classe, gênero e geração eram as principais categorias que definiam as hierarquias na composição do carioca, como se apresentava nas páginas dos semanários ilustrados. Os tipos populares mais característicos que habitavam os comentários e crônicas eram retirados do cotidiano da cidade, plasmados por uma rotina de classe que despertava cedo e dormia tarde:

Reunia-se ali na Elite, uma pequena multidão pacata de homens do trabalho que haviam ido esquecer nos braços das mulatas feiticeiras as agruras de um dia de “bata-tente” e a conta do senhorio. As damas, disputadíssimas como em todos os bailes – família da cidade, eram as mesmas que a gente encontra todas as madrugadas nas filas intermináveis de leite ou da carne, para vê-las novamente ao meio-dia, de sacola em punho, discutindo com o dono da barraca da feira. Mas no topo da escada da gafeira cessam todas as funções civis. Ali cada uma tem o seu valor estipulado pelos dotes físicos e pela agilidade e perfeição de seus passos coreográficos. Nenhum dos frequentadores da gafeira prefere este ou aquele par pelo fato de ser ela a melhor fabricante de bifés, solta dentro da alma das domésticas, as obriga logicamente a preferirem ser uma grande dançarina de tango argentino, elogiada pelo estivador de seus

sonhos, a ser uma arrumadeira de casa medíocre, fiscalizada pela patroa exigente. [...] Eis porque, para as donas de casa, a gafeira constitui um pesadelo constante. Foi sempre ali que a sua melhor cozinheira encontrou um noivo que a levou consigo, em viagem de núpcias, para nunca mais voltar. Foi ali que a Dorinha, lavadeira exemplar, foi descoberta num dia de Carnaval por um empresário excêntrico. E a Dorinha, hoje “girl” de uma companhia de variedades, fotografada pelo cinema nacional, quer lá mais saber de lavar as fraldas do Juquinha e engomar os colarinhos do doutor! [...]” (*Revista da Semana*, 6 de janeiro de 1945, p. 26)

Os tipos populares não têm nome. Em geral, a crônica os identifica pelo papel social no cotidiano da cidade, em narrativas que ratificam o racismo estrutural no Brasil (SANTOS, 2022). A elite da cidade, por sua vez, possui nome e sobrenome, servindo de referência para uma cultura urbana que busca se identificar internacionalmente. Em matéria intitulada “Uma noite de elegância na Boite do posto 6”, todos os atributos de identificação das frações da classe dominante foram apresentados com uma clareza inconfundível e servem de contraponto ao lazer popular:

Às vezes, o palco deixa de ser o centro das atenções. Todo o interesse converge para a “boite” onde se concentram os “Big” da elegância, da intelectualidade, da aristocracia financeira do país. Foi assim, na noite de 07 de Agosto, no Atlântico. O casal Alberto Bianchi, seguindo uma praxe que já se inscreveu nas tradições elegantes da cidade, recebia os seus amigos paulistas – o “set” social da terra da bandeira, que o “grande prêmio” trouxera à capital da república. A mesa presidida pela graça fidalga de Dona Euride Bianchi, sentaram-se os nomes mais ilustres da metrópole dinâmica. Num frufu de sedas, numa fulguração de jóias, o reporte distingue os sorrisos fidalgos que ilustram as mais belas legendas da alta sociedade brasileira: Magda Lapesa, Madame Urdariani, embaixatriz nobre de Melo, Sra. Ministra do Iran, Sra. Ministra da Suíça, Madame Reinizghan, Madame Kalarick, princesa Czartorisk, Sra. Desdemona Cintra, Sra. Josephina Askar, Sra e Sta José Cortez, Sra. Bebê Marcondes Machado. Entre os cavalheiros anotamos em nosso “cartet”, Sr. Roberto Alves de Almeida, Sr. Olympio Mattarazo, Sr. João Dantas, Sr. Francisco Dantas, Sr. Alfredo Mesquita, Ministro Urdariani, embaixador Nobre e Melo, Sr. Ministro do Iran, Sr. Ministro da Suíça, Sr. Felix Kavarick, S.m. Carol da Rumania, príncipe Constantino Czartorisk, Sr. Joel Monterro. Outros. Muitos outros. O que de mais elegante há nos nossos meios diplomáticos no Cosmopolitismo que é hoje um dos grandes encantos das reuniões da elite carioca. E todos, vindos da Europa, da Ásia ou da América, achavam naquela noite de Copacabana, na mesa fidalga do casal Bianchi, no convívio de brasileiros ilustres, o que de mais belo e mais agradável a civilização criou para o encanto do coração e do espírito. (*Revista da Semana*, 18 de agosto de 1945, p.22)

As diferenças de classe e raça ficam bem delineadas nas formas como os comportamentos eram apresentados nas revistas. Duas crônicas, publicadas em periódicos distintos, evidenciam o corte entre classes e raças ao retratar situações cotidianas. A primeira refere-se a uma entrevista para emprego como doméstica cuja narrativa compõe de maneira bem-humorada o quadro das divisões sociais:

Quando contrata uma empregada a pobre dona de casa a submete sempre a um rigoroso interrogatório:

- Acorda cedo?
- Sim, senhora!
- Sai à noite?
- Não, senhora! Deus me livre! Só quando tem novena no outeiro da Glória.
- De onde você é? Vê-se logo que não é daqui.
- Daqui, não, senhora. Não vê logo? Sou de Diamantina. Já servi de Madalena numa procissão do Entêrro, diz alizando os longos cabelos.
- Não há dúvida, você me serve. E logo em seguida:
- Quanto você quer ganhar?
- Uns cinquenta mil réis por mês, com casa e comida. Mas eu arrumo, passo e cozinho.
- Está direito – diz a dona de casa. “E vai ela mesma levar a bagagem da mulatinha ao quarto, com medo de perder aquele tesouro”

Tudo ocorre bem até o primeiro sábado, quando Maria motivada pela musica alta resolve sair e ver o que se passava, vai para o baile na casa da frente, a narrativa continua complementada pela moral da história:

“E a Maria voltou? Claro que não...”

Agora ganha trezentas pratas por mês, faz permanentes no salão da esquina, toma banho de mar no Flamengo, é a coqueluche de três gafeiras de classe e já foi “cantada” por quanta escola há, para ser porta estandarte. E a dona de casa tem agora outra menina de Ouro Preto; que está treinando para entrar no “Flor de Abacate”.

Eis aí o motivo pelo qual todas as senhoras do Rio constituem, instintivamente, a liga contra a gafeira.

É ela que lhes leva as melhores empregadas. É ela a culpada da Rosa cozinheira não querer tirar o esmalte das unhas contra o fundo das panelas. E’ a ela que devem a sonolência dominical da copeira, que não entrou de madrugada na fila da manteiga. E a casa está sem manteiga, pois também o filho da família, o estudante Roberto, ainda dorme. E, embora a mãe não o saiba, o seu sono se deve ainda à gafeira.

Sim, pois ele foi o par constante da copeira durante toda a “soirée”.(Revista da Semana, 6 de janeiro de 1945, p.26)

A crônica reforça as diferenças de classe e raça, mas o bom humor da narrativa orienta o sentido para a idealização da malfadada ‘democracia racial’, em que os espaços de lazer definem códigos de comportamento associados a cada grupo social. Assim, a Maria da crônica deixou de ser doméstica para trabalhar no salão de beleza, mas nunca seria uma ‘glamour girl’, como a apresentada na reportagem intitulada: “A vencedora revela ao repórter de ‘Rio’ qual seria seu melhor presente de Natal”, publicada na *Revista Rio*, em dezembro de 1944. Vale saber qual era o presente...

Nas salas do “Country Club” as jovens dançam. O concurso já se decidiu. Um maravilhoso “clip” oferecido pelo Sr. Emmanuel Bloch orna o vestido branco da vencedora, Srta. Zélia de Andrade. Os membros do júri, composto das Sras. Thomas Ribeiro de Carvalho, Wladimir Alves de Souza e Gilberto Trompowski, debandam com um ar feliz de juízes sem remorsos. Então nos aproximamos da Srta Zélia de Andrade, a “glamour girl” de 1944, para uma pergunta destinada a este número de Dezembro:

- Qual seria o seu melhor presente de Natal? Ela sorri, surpresa. Seus olhos bonitos se apertaram na expressão característica das meninas que pensam para escolher alguma coisa numa idade em que as coisas são muitas e encantadoras. Sua resposta é firme:
- A paz entre os homens.

E enlaçada pelo par, sai ligeiramente num “swing”, clara e ágil como a primavera.”
(**Revista Rio**, Dezembro, 1944, nº 66, p.187)

No ambiente exclusivo e sofisticado dos clubes da cidade, as moças têm nome e sobrenome, são claras como a primavera e têm muito a escolher. Enquanto as gafeiras eram apresentadas como espaço dos sem sobrenome, o lugar por excelência da ‘democracia racial’, frequentadas por brancos e negros, na sua maioria pobres. Já nos salões exclusivos da elite, nem pobres, nem ‘mulatos’, tampouco negros tinham acesso.

Outra característica interessante para definir o carioca dessa época, corroborada pelas revistas, é a diferença entre gerações e a valorização da juventude. Assim, o Rio é jovem, uma cidade apta à prática de esportes, e a praia é o lugar por excelência dessa juventude carioca. As crônicas narram a excitação juvenil pela prática do esporte, associando a essa atividade um certo tipo de mulher - branca, jovem e internacional - e indicando que o futuro do Brasil será, de fato, a superação da mestiçagem. Reforçam-se aqui os padrões de classe, raça e geração que moldariam o perfil da nação no pós-guerra:

O Rio, é sem dúvida alguma, uma das poucas cidades brasileiras, onde o esporte é praticado com inegável entusiasmo. Mal amanheceu o dia, as sedes dos clubes esportivos, as praias, e todos os setores onde seja possível praticar-se qualquer exercício, começa a movimentar-se como numa gigantesca colméia de abelhas. O tênis, atletismo, vôlei, natação, hipismo, são os que reúnem no elemento feminino, talvez o maior número de entusiastas.

A juventude carioca de Copacabana é a vanguarda da raça brasileira futura e vem uns cem anos adiantada do grosso do povo. Meu Deus, como ela é graciosa, como soube misturar e refinar os dons da francesa e da americana, pingando em tudo o “bittersweet” das três raças triste! Saindo das ondas ou das sombras do “champignons”, sua feminilidade gaulesa bem combinada com a esportividade anglo-saxônica cria frisos de atitudes adoráveis debaixo do céu azul. É a raça que virá, senhores, saudemos nela o Brasil que virá! Copacabana tem isto também: o mostruário de um fabuloso mundo em formação, o Brasil de 2048! [...] (**Revista Rio**, Fevereiro, 1948, Nº 104, p.40, 41, 42 e 43)

As pessoas mais velhas também podem ser consideradas jovens se entrarem no cotidiano de uma cidade onde o verão é praticamente o ano todo. Assim, a valorização do corpo define-se como um elemento de distinção geracional, desde esse período:

Há um velho atleta, num grupo de rapazes. Ele ensina tudo: como rema, como se nada, como se prática o jui-jitsu. E’ o veterano Tico Soledade, que foi um dos homens mais fortes do Brasil e que é ainda o mesmo entusiasta do atletismo, embora ganhasse hoje em dia um concurso de barrigas... Aqui, na praia de Copacabana, é como vemos quão maravilhoso é ser jovem e quão terrível é envelhecer... Matronas de plástica exuberante e em crescente “superávit” lutam contra “maillots” que não tem mais para onde esticar... Há a par de muita saúde e de muita beleza juvenil também o traço grosseiro da caricatura e a nota amarga da decadência física. Poucos são os que, como Tico Soledade, continuam moços depois de velhos, ensinado ainda esportes aos jovens, apesar da sua barriga que ele teima em ignorar e que os outros também acabam ignorando. (*Revista da Semana*, 04 de janeiro de 1947, p. 28)

Mas a velhinha, apesar da idade, não titubeou em aderir também ao alegre grupo de banhistas, é tangida pelo calor, atirou-se, mesmo de vestido, à frialdade do mar, permanecendo durante quase todo o dia dentro d'água, apenas com a cabeça branca a emergir das ondas, agarrada, para evitar a possibilidade de um afogamento, à prancha de salto. E os banhistas pulavam cuidadosamente, evitando atropelar a colega octogenária. (**Revista da Semana**, 03 de março de 1945, p. 22)

Além de jovem, o Rio das Ilustradas era fundamentalmente feminino. As crônicas investiam na imagem multifacetada da mulher carioca – ora ela é a empregada que estraga a vida da patroa por querer se divertir nas gafieiras, ora ela é a jovem desportista de origem anglo-saxã, ora ela é a mulher madura que sabe o que quer da vida. Para garantir a valorização da internacionalização cultural do país, recorrem com frequência ao vocabulário de Hollywood para descrevê-las: “it”, “sex appeal”, “glamour”... Os atributos etários indicam que, nos anos 1940 e 1950, ter trinta anos já era uma responsabilidade:

A idade, nessas coisas, tem importância fundamental. É o tempo que ensina a mulher a arte, entre todas difícil, de escolher. Apura-lhes pela experiência, o espírito de seleção. Só com o correr dos tempos é, pois, que ela diferencia, ao terreno do amor. Depois dos trinta anos, a mulher torna-se exigente. Porque começa a saber exatamente o que quer... E nisto reside, sem dúvida, o maior encanto das balzaquianas, a sua escolha representa um prêmio e de certa forma uma homenagem. Quando uma mulher de trinta elege um homem no seu afeto ou no seu desejo, ela parece dizer-lhe no discreto elogio do seu silêncio. “Eu o escolhi porque você mereço”... Uma mulher inteligentíssima definia assim esse sutil fenômeno psicológico: uma mocinha às vezes não tem sede e bebe por gentileza, uma mulher que tem vontade própria, porém só bebe quando tem sede... É que aos trinta se escolhe... E embora seja difícil encontrar aquilo que se procura e deseja, o prazer de escolher é voluptuoso e sutil. (**Careta**, “Um sorriso para todas”, 03 de fevereiro de 1940, nº 1649, p.23)

Em uma das tradicionais crônicas de praia, podemos ver claramente quando um novo comportamento passa também a frequentar as areias. No trecho que segue, assistimos a vitória do ‘chica-bom’ e do ‘eskibon’, produzidos pela recém-instalada, no subúrbio do Rio, fábrica Kibon, sobre os tradicionais sorvetes feitos em casa de fruta no palito:

[...] as areias de Copacabana são marcadas hoje em dia por uma outra coisa, bem característica do momento atual: as taboazinhas que serviram de coluna vertebral aos sorvetes de chocolate ou de frutas, vendidos aos milhares, pelos ambulantes, aos frequentadores da praia. Há uma espécie de guerra, surda entre os sorvetes americanos, produzidos em série e bem apresentados, num acondicionamento perfeito, e os pobres sorvetes nacionais, de um pequeno comércio desorganizado, de uma indústria ainda meio caseira. Por vezes, estes batem aqueles no paladar, mas os americanos ganham no acondicionamento. O pobre sorvete nacional se defende, entretanto na variedade. Os vendedores se gabam de que, na composição dos mesmos, não entram essências. Só fruta no duro. A última novidade foi o “já-já”, amarelinho que é uma beleza. Mas isso não impede que a gente ouça reclamações: - Esse “já-já” é uma droga... Não sei como há quem venda isso... Olhe, moço, diga para não fabricarem mais... Fiquem no “chica-bom” e no “eskibon”, que está certo... Mas “já-já”, Deus me livre!” (**Revista da Semana**, 07 de abril de 1945, p. 23)

Portanto, o carioca representado nas crônicas, sempre ilustradas com fotografias, é uma categoria complexa. Com certeza é jovem de corpo ou de espírito, se orienta pelos espaços da cidade buscando ajustar-se à sua condição social, aproveita o sol e a praia, pratica esportes, adora dançar e assume aos poucos o ‘*american way of life*’ (Mauad, 2007; 2005).

Rio ‘High Soçaite’

Doutor de anedotas, E de chapanhotos, Estou acontecendo no Café Soçaite, Só digo “enchanté”, muito “merci”, All righth, Troquei a luz do dia pela luz da “Light”, essa é a primeira estrofe do samba, “Café Soçaite”, composto por Miguel Gustavo em 1955, e cantado por Jorge Veiga com a participação de Cyro Monteiro. O Rio que a música revela é o mesmo que se apresenta nas Ilustradas, com seus sentidos e significados circulando por diferentes meios da cultura urbana – publicidade, música, fotografia, cinema.

Na geografia do lazer dos anos 1940 e 1950, o centro da cidade ainda garantia diversão para o público adulto e jovem. Os cinemas da Cinelândia, com matines e soirées, não deixavam de exibir os últimos sucessos de Hollywood, cujo complemento necessário era o sorvete nas tradicionais confeitarias da região, dentre elas a Colombo e a Cave. Além dos cinemas, o centro da cidade também garantia o lazer noturno e adulto nas gafieiras populares, como o Club Elite, e nas ‘boites’ da burguesia endinheirada. Em 1947, a *Revista da Semana* anunciava uma novidade para a vida noturna da ‘cidade maravilhosa’:

Constitui marcante acontecimento na vida noturna da cidade a inauguração do dancing Blue Star, elegante, luxuoso e moderno centro de diversões, situado no 18º andar do Edifício Regina, à Rua Alcindo Guanabara, 17/21, que devido a sua decoração artística e rara distinção causará por certo magnífica impressão a quem visitar. As famílias cariocas estão pois de parabéns por terem sido presenteadas com esse atraente e bem instalado estabelecimento, onde poderão se divertir num ambiente de rigorosa moralidade, alegria e conforto, pois como todos sabem, o Rio de Janeiro não possui vida noturna intensa, em contraste com Buenos Aires, famosa pelos seus dancings, cabarés, boites etc., sempre repletos de frequentadores [...] Blue Star terá um corpo de quase cem bailarinas exímias, rigorosamente selecionadas, e para que o ambiente tenha sempre um aspecto novo e variado, essas mesmas profissionais terão as suas toaletes renovadas diariamente. Outro pormenor interessante é que o novo estabelecimento possui um marcador elétrico, único existente no Continente, o qual, facilitará registrar o número de vezes das contradanças, contribuindo assim para um perfeito controle, evitando confusões desagradáveis”. (*Revista da Semana*, 07 de junho de 1947, p. 25)

A cidade que se volta para o mar, já nos anos 1920, com a abertura dos túneis e a eletrificação dos bondes, elegeu Copacabana como o bairro-síntese do jeito de ser carioca. Em Copacabana, a diversão é garantida dia e noite, na praia e nos cassinos. A matéria publicada na *Revista da Semana*, de 4 de janeiro de 1947, apresenta um esboço histórico de como Copacabana se torna o bairro-símbolo do Rio de Janeiro de então:

“COPACABANA, antigamente, era um areal mais ou menos deserto. Com a falta de transporte, pouca gente se aventurava morar por ali. Não havia lugar em que fosse mais fácil comprar algumas centenas de metros quadrados de terra. Porque, com a falta de túneis e sendo Botafogo e a Gávea os pontos terminais das linhas de bonde da zona sul, quem é que tinha coragem de ir àquelas paragens? Só mesmo audazes excursionistas, que tinham gosto em transpor montanhas ou em ladear a lagoa Rodrigo de Freitas. [...]. E’ sabida a história de um rapaz que, herdado algumas quadras de terreno em Copacabana, achou ter feito um bom negócio, trocando a herança, com um alfaiate, por doze ternos de casemira. O alfaiate, cerca de quinze anos depois, vendeu os lotes por quatro milhões de cruzeiros. Mas por que? Porque, nesse meio tempo, um engenheiro Coelho Cintra levou as linhas dos bondes da Light, através dos túneis, até à desprezada, à inabitada Copacabana. Em pouco tempo, a cidade começou a se expandir para aqueles lados. E foi assim que Copacabana começou a se tornar uma cidade dentro de outra cidade.” (**Revista da Semana, de 4 de janeiro de 1947**, p.24)

Na crônica, a personalidade da cidade se renovaria com novos hábitos e comportamentos associados à vida à beira-mar. Na continuação da narrativa essa nova personalidade é apresentada:

Até à boca dos túneis, a fisionomia do Rio de Janeiro é uma, ainda com a marca das influências dos nossos bons avós portugueses. Mas, da boca dos túneis em diante, já é bem outra, diferente, atrevida, americanizada. Copacabana é uma cidade com fisionomia própria e, hoje, que já tem seus grandes cinemas e vai ter também teatro, pode-se dizer que só lhe falta um jornal diário, para complementar-se e prescindir do resto do Rio de Janeiro. Antigamente, a praia de Copacabana se dividia em postos. O posto Um, no Leme, - e assim por diante, - até ao Posto Seis, na Igrejinha. Cada posto era caracterizado pelo posto de salvamento e por um mirante, onde ficavam os observadores. Na areia, ficavam enfiadas as bandeiras que indicavam se brancas, que o mar estava ameno, se vermelhas, que o mar estava perigoso. Ao redor, juntavam-se algumas dezenas de banhistas, com seus incômodos trajes de banho, que iam quase ao tornozelo. Hoje, os trajes de banho mudaram. São sumários quanto a polícia o permite, mesmo porque os nossos escrúpulos morais vão se relaxando cada vez mais com o tempo, com a educação esportiva e eugênica, que dá mais apreço à saúde, à vida ao ar livre, quase animal do que a reclamos dos moralistas. E o aspecto da praia foi mudando, também, porque, com o aumento de população e com o gosto pelo banho de mar, os pequenos magotes de banhistas foram se ampliando, convertendo-se, finalmente, em verdadeiras multidões. Onde é que um posto começa e onde é que o outro acaba? Ninguém poderá dizer-lo. Começou uma era nova na vida de Copacabana, - a do posto único.” (**Revista da Semana, de 4 de janeiro de 1947**, p.24)

Apesar dos atributos de moderna e americanizada serem os mais constantes para caracterizar a praia, essa, ao ser comparada às praias famosas do mundo inteiro, defendia mesmo era a sua originalidade carioca:

COPACABANA não tem, como Cannes, Lido, Palm Beach e outras areias famosas, a “mise en scene” do técnico de turismo. Tudo ali nasce dos imperativos cotidianos ou está porque Deus fez. O “colar de pérola” não é decoração: é iluminação. A moldura de montanhas estava. O mosaico da calçada – sobre os quais a esquisofrenia dos anti-aquáticos se compraz pisando ora nos pretos, ora nos brancos – tapete da própria

cidade. Nada se forçou para que Copacabana fosse bela e Copacabana é teimosamente bela. A Riviera e Cote d'Azur estão cheias de palmeiras tropicais onde não canta o sabiá: nossa Copacabana não tem sombrinha. Sua única vegetação são os cogumelos multicores dos guarda-sóis de lona, que florescem de manhã, na areia ainda úmida, e são colhidos ao meio-dia, com a areia escaldando. (**Revista Rio**, Fevereiro, 1948, nº 104, p. 40)

Copacabana, ainda, estendia as possibilidades de lazer à noite, no 'grill' dos hotéis e cassinos. Dentre os mais famosos, o tradicional Copacabana Palace, inaugurado em 1923, mantinha-se como referência para o lazer da elite dos anos 1940: "Copacabana! O encanto dos banhistas! O paraíso dos turistas! Copacabana! A beleza dos corpos emoldurados pelo verde e azul do mar! Copacabana! O Hotel das Elites espera a visita para o almoço ao ar livre em volta de sua magnífica piscina." (*Revista Rio*, fevereiro, 1949, nº: 116, p. 69)

Outra importante referência de lazer noturno em Copacabana era o Cassino Atlântico que rivalizava com o mais tradicional Cassino da Urca:

"Agora, na "boite" magnífica do Posto Seis, a melhor sociedade carioca se vem reunidos para as "causeries" agradáveis desde fim de Primavera paradoxalmente calma, para assistir os espetáculos diferentes que aquela casa de diversões oferece aos seus requintados frequentadores. Rara é a noite em que ali não aparecem alguns dos elementos exponenciais do nosso "grand monde" – que já habituaram a transformar o elegante e aristocrático "grill room" – o sítio preferido de seus encontros noturnos." (**Revista Rio**, dezembro, 1944, nº: 66 p. 31)

Do outro lado da baía de Guanabara, na 'cidade-sorriso', uma outra praia também chamava a atenção pelas águas mansas e pela diversão amena. Era a praia de Icaraí que abrigava o famoso cassino "Hotel Casino Icaraí", frequentado pela elite fluminense". Em sua publicidade eram ressaltados todos os atributos de um lazer exclusivo que não deixava nada a dever à Capital do país:

"O HOTEL CASINO ICARAHY, além de proporcionar aos seus hóspedes o máximo conforto moderno, oferece também, através as janelas de seus luxuosos apartamentos, panoramas de beleza incomparável. E ali, bem pertinho, uma praia de areia branca, água cristalina, ondas fracas e nenhuma correnteza impedindo a natação. Possui aquele moderníssimo estabelecimento uma administração exemplar, que nada esquece para conforto de seus hóspedes. As cabines para mudar a roupa são o que há de mais moderno e higiênico, em matéria balneária. O HOTEL CASINO ICARAHY vae se tornando tradicional! Em nossa alta sociedade como o cenário mais adequado para se passar uma inesquecível lua-de-mel! E é preciso também que o carioca resolvesse adotar quanto antes a prática salutar do week-end e aprenda como se pode passar um domingo agradável, sem grandes despesas, nas manhãs luminosas que podem ser desfrutadas por todos aqueles que residem no mais luxuoso hotel do "outro lado" da Guanabara." (**Revista da Semana**, 20 de junho de 1942, p. 141)

Portanto, a geografia do lazer da elite carioca se estendia do centro da cidade à outra margem da baía, mas também incluía passeios em Paquetá, férias em Poços de Caldas e Petrópolis, para fugir do calor, tardes amenas no Hipódromo da Gávea ou nos clubes mais exclusivos, como a sede do Fluminense, no bairro de Laranjeiras. Para a população pobre restava

a tradicional opção da Praia das Virtudes, que não era bem uma praia, mas um conjunto de pedras do início da Avenida Beira Mar, ali, como mencionava o cronista: “todos se lançavam às águas mais por uma imposição do clima, que por qualquer espírito esportivo ou vontade de recreação” (*Revista da Semana*, 03 de março de 1945, p. 22)

Cena carioca...

“-Fotógrafo? Ah, sim, deixe-me tomar posição... Quem nos fala assim é uma jovem e desembaraçada banhista. Ficamos a nos lembrar dos tempos em que, para obter-se uma fotografia de praia, era preciso quase implorar... Toda gente fugia à objetiva e quando um instantâneo era batido, não era raro o conselho de família se reunia e o mais atlético dos cavalheiros era escalado para pedir a destruição do negativo, sob pena de... bom, era melhor entregar mesmo! Agora, entretanto, à simples passagem do fotografo, há um movimento de atenção e a jovem, de “maillot” verde, só pede que lhe demos algum tempo para tomar posição.

Mas posição para que? Não queremos fotografia posada...

-Ah, pensei que preferia que eu estivesse de pé... Então, vamos... Bata assim mesmo... O fotografo não se fez de rogado.

- E' para o “Concurso de Sereias”?

- Não...

- para que é?

- REVISTA DA SEMANA...

- Quando é que sai?

- Dentro de alguns dias...

- Então, traga uma para mim no outro domingo... Fico sempre aqui... Bem em frente do “Bolero”, ouviu?

Se os acidentes da profissão não nos levarem a outro lugar, talvez possamos cumprir a promessa que nos foi arrancada... A menos que o secretário tenha cortado a fotografia... (Recado do secretário: está cortada, sim senhor...)” (*Revista da Semana*, 04 de janeiro de, 1947, p. 26)

O fotógrafo da *Revista da Semana* registra não somente a imagem da jovem, que, pelo visto, sequer foi publicada, mas também uma mudança no comportamento, tanto em relação à imprensa como em face da projeção pública do corpo e da imagem individual. Esse novo comportamento diante da câmera associa-se à emergência de uma nova economia visual, ditada pelos novos meios de produção da imagem, entre os quais as próprias revistas ilustradas e o cinema. A notoriedade que uma imagem publicada concedia a modelo, já nesse momento, a transformava em produto a ser consumido.

A ‘glamour girl’ que encantou o fotógrafo da *Revista da Semana*, por sua desenvoltura cosmopolita, convivia nas páginas das Ilustradas, com figuras prosaicas e quase ingênuas, que performavam um bom-humor malicioso para caracterizar o carioca idealizado nas crônicas. As legendas das fotografias que ilustram uma matéria de mais de cinco páginas publicadas na *Revista da Semana*, de 7 de abril de 1945, fornecem o tom das narrativas cariocas típicas dos anos 1940 e 1950:

“1. Depois de um mergulho nas águas frias do Atlântico, o fumo de um cigarro é um consolo.

2. Enquanto uns jogam peteca, outros preferem exhibir-se em violentos encontros de luta livre. Aí estão dois amadores de catch. “Fuerza, Tarzans”!
3. Ficar morena é muito bom, mas uma insolação não é agradável. Além disso, uma barraca bonita constitui sempre uma nota de elegância. Aqui está uma loura à procura de um lugar à sombra.
4. De todos os recantos do Rio vem gente para Copacabana aos domingos. E, como não se pode viajar de “maillot” nos bondes, o pessoal de longe se vê obrigado a despir-se e vestir-se na praia.
5. O vendedor de bijoux ou “ling-ling” é uma das figuras mais tradicionais da praia de Copacabana. Paga-se dois tostões, gira-se uma roleta e come-se a guloseima de acordo com a sorte.
6. Quando se tem medo do mar um sorvete é um ótimo refrigerante. Picolé para duas é tentação para todos. Ai está uma foto que bem poderia figurar em cartazes de propaganda turística. Quem é que, as vendo, não desejaria conhecer Copacabana?
7. Lá se vão duas sereias pela orla do mar. A espuma das ondas serenas vem beijar-lhes os pés, mas elas continuam imperturbáveis o seu passeio matinal pela praia extensa. Cuidado “sabonetões”! Não se vão dissolver na água!” (**Revista da Semana**, 07 de abril de 1945, p. 23-28)

Entre as muitas cenas e situações descritas nas crônicas e reportagens das revistas ilustradas, optamos por focalizar uma delas: um domingo de sol na praia de Copacabana. Esta escolha se justifica não apenas pela falta de espaço para abordar as demais, mas, principalmente, por ser a praia o lazer por excelência do carioca.

O domingo começava cedo na praia, e os tipos que passavam a habitar as areias de Copacabana possuíam um certo esquema de horário; encenavam uma espécie de revezamento de comportamentos, personagens e situações que variava ao longo do dia. Assim...

O sol botou a cabeça para fora aos poucos, muito devagar. Quando os seus primeiros raios vieram beijar a praia de Copacabana, já encontrava ali, estendido na areia, o primeiro banhista de domingo. Era um rapaz magro, um moço de Minas, que tomava banhos de mar a conselho médico. Depois apareceu uma bailarina, que mora em frente, no último andar de um arranha-céu. Brincou na areia, armou um imenso para-sol de gomos vermelhos e verdes, correu pela praia e começou a desenvolver passos coreográficos. O rapaz de Minas afirmou-se sobre os cotovelos, perdendo-se na contemplação da deusa que dançava.

Àquela hora a praia, mal refeita da noite de verão, conservava uma umidade fria e penetrante, que dava arrepios pela espinha. Foi por isso que um homem gordo forrou o chão com um jornal velho, para se sentar em cima. Abriu depois um matutino do dia e começou a se informar sobre o que ia pelo mundo. Vinha de camisa folgada, tirou os sapatos e instalou-se confortavelmente sobre a areia gélida.

Mas o sol subia e iam chegando novos personagens. Veio a moça de Viena d’ Áustria, que se encontrava de passagem num hotel “chic”. Todos os olhares se voltaram para vê-la passar. Chegaram dois rapazes queimados, com os olhos semicerrados de sono. Vinham da noite de farra, cortar a ressaca com água salgada. A areia foi-se povoando aos poucos. Uma colônia de cogumelos coloridos, numa sucessão de tons emocionais e formas alucinantes. A manhã domingueira, cheia de sol e alegria era um convite a um banho de luz. E pela linha branca da praia se estenderam os corpos morenos das sereias. (**Revista da Semana**, 07 de abril de 1945, p. 23-28)

O turno da manhã finalizava-se com a chegada dos ônibus do subúrbio, uma linha que ligava a zona oeste a sul desde 1935, garantindo que ao menos no domingo de sol o Rio experimentasse uma possível democratização dos seus espaços:

Foi então que começam a aparecer as fisionomias suburbanas. Elas vinham de longe, traziam ainda nas olheiras fundas e nos olhares vivos a marca do cansaço de uma semana de trabalho duro, numa lembrança triste que o sol de Copacabana apagaria. Mas um dia de praia compensa de todas as amarguras da semana os homens e as mulheres que vêm de longe gozar, durante algumas horas, o sol e a água do bairro aristocrático. E ali eles se deixam estar, dormindo ao sol ou abrigados sob a barraca pública da Prefeitura, admirando a paisagem magnífica que se estende ao longo da orla marinha. (**Revista da Semana**, 07 de abril de 1945, p. 23-28)

Segundo a crônica, domingo ao meio-dia, já não havia mais espaço para ninguém, pois Copacabana já se povoara de tipos diversos, misturando à fauna local todos os seres exóticos que por ali passavam, dentre eles um espécime chama especial atenção:

É meio-dia: Copacabana vive os seus momentos culminantes de domingo estival. As ondas estão mansas, o mar parece cansado. Sob as barracas coloridas abrigam-se os banhistas. A areia queima como fogo. Sobre o asfalto da Avenida Atlântica correm as bicicletas levando mulheres lindas e estrangeiros barrigudos. Nas “terrasses” dos bares uma multidão eclética encharca-se de chopp, na doce esperança de se livrar do calor. E o sol banha a paisagem tropical, pondo sombras bordadas sobre o mosaico da pavimentação. Nenhuma brisa perturba o sossego das folhas. Mas passa uma mulher. Uma morena maravilhosa, de “maillot” vermelho, levando ao ombro um “beach-umbrella”. A paisagem adormecida pareceu agitar-se. Há um movimento geral entre os banhistas. Os que dormiam acordam. Todos os olhares estão presos na sereia deslumbrante. Ela, superior e distante, arma a sua barraca, acolhe-se à sombra de toldo, abre um livro. Pouco depois fecha o volume, estende-se na areia e cerra os olhos. Mas levanta-se de um salto e olha em frente. O mar despovoado. Ninguém se atira as suas águas mansas. Aproveitando esse momento, como se a presença do outros contaminasse a água salgada, a sereia se lança às ondas. Como se obedecessem a um sinal, vão-lhe na esteira centenas de banhistas. E ela percebendo a multidão em torno, volta à praia, desarma a barraca, segura a bolsa e sobe a amurada de pedras, afastando-se: altiva e bela. Corre sobre a areia um vento de decepção. (**Revista da Semana**, 07 de abril de 1945, p. 23-28)

Todo o movimento cessa com a saída da beldade e a praia vive um momento de suspensão, somente quebrado pelo aviso do Guarda Civil, chamado a atenção de alguém: “É proibido!” (**Revista da Semana**, 07 de abril de 1945, p. 23). Quebrado o silêncio, o domingo segue e a tarde nas areias de Copacabana é o cenário ideal para uma performance com tipos e cenas descritos para ficar na memória:

A praia volta de repente à sua vida agitada. Para o lado da amurada meia centena de garotos se debatem numa “pelada” feroz. A bola de couro vai e volta, os “goals” se sucedem numa espantosa velocidade. Não existe placard, mas se houvesse talvez a própria infinidade dos números seria impotente para a contagem dos tentos. Um pouco além, a areia se divide em milhares de campos de peteca. Grupos de duas e

quatro pessoas disputam partidas sérias ou batem displicentemente petequinhas de borracha. Os que são dotados de músculo aproveitam a praia para demonstrações circenses. Tarzan de cinquenta e seis quilos, Hércules com os olhos em cima da pele, se degladiam em “rouds” de Box e assaltos de luta livre, alguns para desenvolver de fato a sua capacidade agressiva, outros apenas para fazer um “farol” gratuito. A poucos passos a pantomima toma outro aspecto: números de acrobacia. Homens velhos, senhores respeitáveis, que durante a semana se entregam a negócios sérios, no domingo mais não fazem que representar de “clown” para as pequenas praianas. Homens de posição e responsabilidade, que andam na praia de mão no chão e pernas para o ar. Que diria a sua secretária, circumspecta e de óculos, se o encontrasse na segunda-feira “plantando bananeira” sobre o bureau? Mas assim é Copacabana. Ali, livre de gravatas e colarinhos duros, metidos em tanguas primitivas de poucos centímetros quadrados, todos os complexos se acabam, todas as convenções se anulam, todos os preconceitos se destroem. Existe apenas a nudez forte da verdade, coberta pelo “maillot” curtíssimo da fantasia. Ninguém ali pode querer ser o que não é, todos dão vasão às suas vocações naturais. E quanta gente existe por aí com vocação acentuada para o circo! (**Revista da Semana**, 07 de abril de 1945, p.23-28)

O terceiro turno do domingo é o pôr do sol em Copacabana, quando aos poucos a praia se esvazia e os tipos se redistribuem. Os populares que moram longe se vestem, com trajes apropriados para tomar a lotação; mas a juventude da orla que mora por perto, estende um pouco mais o domingo, aproveitando as diversões que o bairro oferece:

O sol já vai desenhando a sombra dos edifícios de apartamentos sobre a alvura da areia. Nos bares se assentam agora os que bebem de calção, esporte em moda em Copacabana. Na praça do Lido a garotada granfina brinca de “mocinho”, montada em cavalos alugados. As “bás” bonitinhas conduzem os carros dos bebês pelas alamedas. Copacabana se tranca agora em seus apartamentos de luxo, almoça caviar e “mayonoise” e, mesmo de “maillot”, passa o resto da tarde jogando pif-paf. Na praia ficaram ainda alguns entusiastas do mar, deitados na areia ou mergulhados seguidamente nas ondas claras. Passa ao longe um navio, rumo de outras terras, buscando novos meridianos. O sol vai-se escondendo. São seis horas da tarde. Os últimos banhistas ganham a amurada. Na praia vasta ficou apenas um sapato de criança, esquecido sobre a areia. Adeus, Copacabana. (**Revista da Semana**, 07 de abril de 1945, p. 23-28)

Poderíamos ampliar a descrição dos espaços de lazer do Rio de Janeiro dos anos 1940 e 50 para as tardes no Jockey Club, para o Garden Party na Floresta da Tijuca, para as soirées no teatro Municipal, para o Grill do Atlântico ou do Cassino da Urca. Podíamos também subir para Petrópolis e passar um fim de semana no Hotel Quitandinha. Ou ainda assistir a um jogo de futebol no gramado das Laranjeiras, ou uma regata na baía de Guanabara. Opções de lazer para o uso exclusivo da elite carioca eram bem variadas, aos populares estava habilitado o espaço democrático das praias e das gafeiras, além da pelada de domingo, nos campos improvisados dos subúrbios cariocas.

Os cariocas são mesmo bacanas? Uma tentativa de conclusão

Dentre os principais temas que povoavam as páginas das revistas ilustradas, não apenas no período analisado, mas ao longo de boa parte do século XX, o Carnaval foi indubitavelmente o destaque, como brevemente mencionado na primeira parte desse ensaio. O Carnaval ocupava as edições de fevereiro e, muitas vezes, os comentários se prolongavam até março, quando o calendário da festa a colocava nesse mês.

No Carnaval, tal como nos domingos de sol na praia de Copacabana, uma cidade plural se plasmava nas crônicas. Embora as diferenças de classe fossem mantidas, pois o Carnaval dos clubes diferenciava-se do Carnaval de rua, cada qual tinha sua representação garantida nas crônicas carnavalescas. Isso possibilitava que, nas Ilustradas cariocas, a crônica sobre a cultura urbana carnavalesca defendesse, tal como as crônicas da praia, uma vocação democrática, embora, na prática, segregasse os espaços e valorizasse a imagem da elite branca e burguesa (MAUAD, 2005; 2014).

O Rio que brincava no reinado de Momo, para usar uma das expressões da época, era uma cidade que fazia concessões ao popular na hora da folia. O Carnaval, assim, pode ser visto como uma experiência própria da cultura urbana carioca: quando a cultura popular ganhava os meios de comunicação; quando o samba ocupava as rádios; quando os espaços do centro eram ocupados por blocos e agremiações; enfim, quando o povo ganhava as ruas do centro, subvertendo os espaços de trabalho em canteiros de alegria e descontração até a quarta-feira de cinzas quando tudo voltava a ser o que era antes (SOIHET, 1998; MAUAD, 2014).

Nas revistas ilustradas cariocas, as crônicas ligeiras e os instantâneos fotográficos delinham um espaço de experiência e um horizonte de expectativa que, à maneira de Koselleck (2006, p. 309), nos orientam a compreender como chegamos aonde estamos ou, ainda, a indagar, como na música de Adriana Calcanhotto, se os cariocas são mesmo bacanas.

Para o historiador alemão, “a experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados [...] na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, a história também é, desde sempre, concebida como conhecimento de experiências alheias” (KOSELLECK, p.309-310). Assim, o carioca figurado nas páginas das ilustradas dos anos 1940 e 1950 não é somente um sujeito dotado de uma personalidade extrovertida e bem-humorada, mas também um sujeito com um conjunto de experiências que definem o espaço de comportamentos, vivências e atitudes que configuram um passado imaginado.

O espaço de experiência configurado nas páginas das ilustradas cariocas da cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, é a síntese da contradição social. Por um lado, os espaços públicos da cidade estariam abertos à circulação e ao uso de todas as raças, gêneros e gerações, num cotidiano repleto de alegria e malemolência. Por outro lado, valoriza a segregação dos espaços da cidade para o usufruto da burguesia endinheirada, promove a demarcação dos comportamentos de gênero entre homem e mulher, cada qual ocupando um lugar social intransferível, e confirma o racismo que estrutura a sociedade brasileira, por meio de comentários cujo bom-humor dissimula o preconceito e naturaliza as históricas desigualdades sociais e raciais.

Diante desse espaço de experiência, qual seria o horizonte de expectativa que teríamos projetado? Seguindo a conceituação de Koselleck, compreendemos que a expectativa “também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza

no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto” (KOSELLECK, p.310). Passados oitenta anos desde as publicações das ilustradas cariocas que não sobreviveram aos anos 1960, o Rio não é mais a capital do país, tampouco o centro do poder econômico. O misto de glamour, ingenuidade e preconceito das crônicas sobrevive no imaginário da cidade, como se nota em algumas postagens nostálgicas no Instagram sobre o jeito de ser carioca.

No futuro do passado do Rio das Ilustradas, a cidade acirrou a segregação espacial com condomínios de luxo na expansão para a zona oeste e, a duras penas, ainda consegue manter a floresta, as lagoas, os parques e as praias em face da especulação imobiliária e do assalto à privatização dos espaços públicos e das zonas ambientais protegidas. A metrópole à beira-mar, longe de ser a cidade aprazível imaginada pelas crônicas, torna-se, a cada dia, mais desigual e brutal. Uma cidade que enfileira corpos nas ruas dos bairros populares, como resultado da ação indiscriminada do Estado que deveria nos proteger. Em certa medida, cumpriu-se o horizonte de expectativa delineado no espaço de experiência do Rio do século passado.

Bibliografia

Almanaque da Cidade, Rio de Janeiro D.F, ano I, 1945

Almanaque do Correio da Manhã, Rio de Janeiro, Ano I, 1941

Careta, “Um sorriso para todas”, Rio de Janeiro, nº 1649, 03 de fevereiro de 1940.

Careta, “Um sorriso para todas”, Rio de Janeiro, nº 1668, 18 de junho de 1940,

FRANZ, Nayara R. **Fantasia: do cinema de animação à política de Boa Vizinhança**, Curitiba: Editora CVR, 2019

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. “Diplomacia em celulóide: Walt Disney e a política de Boa Vizinhança”, IN: **Transit Circle: Revista Brasileira de Estudos Americanos**, Rio de Janeiro: ABEA/Contra-Capa, Vol.3, Nova Série, 2004, pp.60-79

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**, Rio de Janeiro: Ed. Contraponto/PUC, 2006

MAUAD, Ana Maria. “Por seus olhos nos vemos: Genevieve Naylor, fotografia e gênero nos tempos da Boa Vizinhança (1941-1942)”, IN: COSTA, Helouise; ZERWES, Erika. (orgs.) **Mulheres fotógrafas: fotografia e gênero na América Latina**, São Paulo: Intermeios/FAPESP, 2020.

MAUAD, Ana Maria. “Fotografia e a cultura política nos tempos da política da Boa Vizinhança”. **Anais do Museu Paulista** (Impresso). , v.22, p.133 - 159, 2014.

MAUAD, Ana Maria. “Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-

1942)”. **Revista Brasileira de História.** , v.25, p.43 - 76, 2005a

MAUAD, Ana Maria. “Na Mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX”. **Anais do Museu Paulista**, v.1, p.133 - 176, 2005b.

MAUAD, Ana Maria. “Sob o signo da imagem: sociabilidade e cultura urbana nas Ilustradas Cariocas”, IN: MARCONDES, Neide, BELLOTO, Manoel. (orgs.) **Cidades: história, mudanças, desafios**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007, p. 15-76.

NAYLOR, GENEVIEVE, **carta à Cynthia Gillipsie**, Rio de Janeiro, 1940, cortesia de Peter Reznikoff

ORTIZ, Renato. **Moderna Tradição Brasileira**, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 03 de março de 1945

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 04 de janeiro de, 1947.

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 06 de janeiro de 1945

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 07 de abril de 1945

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 07 de junho de 1947.

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1945

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1945

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1945.

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1942

Revista da Semana, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1945

Revista Esso, Rio de Janeiro, janeiro/fevereiro, 1952

Revista Garota, Rio de Janeiro, 1947

Revista Rio, Rio de Janeiro, , nº 104, fevereiro, 1948

Revista Rio, Rio de Janeiro, nº 66, dezembro, 1944

Revista Rio, Rio de Janeiro, nº 84, julho, 1946

Rio Ilustrado, Rio de Janeiro, Ano I, out-dez, 1928.

SANTOS, Ynaê Lopes. **Racismo brasileiro**: uma história da formação do país, São Paulo: Ed. Todavia, 2022.

SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso**: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.